

*O desafio do capitalismo global**

JAVIER ALBERTO VADELL **

Teórico das Relações Internacionais, Robert Gilpin é considerado um dos principais representantes do Realismo Político. Preocupado com as mútuas relações entre segurança e economia, Gilpin fez uma grande contribuição para o desenvolvimento da disciplina Economia Política das Relações Internacionais. Nessa trilha, “O Desafio do Capitalismo Global”, publicado em inglês em 2000, retoma antigas teses do pensamento realista da Teoria da Estabilidade Hegemônica (TEH), segundo a qual uma economia internacional liberal estável só seria possível se sustentada por uma potência hegemônica que garanta a provisão dos bens públicos internacionais: uma ordem internacional liberal, a segurança internacional, um sistema monetário estável e fornecedor de empréstimos, em última instância, internacional. Aplica-se, segundo a TEH, o seguinte postulado: “para que exista uma economia liberal estável é necessário um estabilizador”, com poder político e econômico para levar a cabo a tarefa.

Cético como seu mentor, o historiador econômico Charles Kindleberger, em relação à possibilidade de uma ordem econômica internacional estável regida pelas leis do mercado, Gilpin afirma nessa obra que: “Embora os progressos tecnológicos e o jogo das forças de mercado representem motivos suficientes para ampliar a integração da economia mundial, as políticas de apoio dos Estados mais fortes e as relações de cooperação entre eles constituem a base política necessária para uma economia mundial estável e unificada” (p. 26). Em outros termos, uma sólida base política internacional seria a condição para a governança da economia internacional.

Gilpin desenvolve este argumento em 11 capítulos, sendo que no último se apresenta as conclusões. O capítulo 1 discorre sobre a atual “era do capitalismo”, o pós-Guerra Fria e o triunfo do liberalismo econômico, suas transformações e desafios. O capítulo 2 apresenta uma boa síntese da economia internacional da Guerra Fria, desde Bretton Woods até os anos 80. A parte central do livro é dedicada ao regime comercial (capítulo 3), ao regime financeiro (capítulos. 4 e 5) e às empresas multinacionais (capítulo. 6). Os capítulos 7 e

* GILPIN, Robert. *O Desafio do Capitalismo Global*. Rio de Janeiro: Record, 2004, 494 p. ISBN: 85-01-06370-3.

** Professor do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMINAS.

9 se dedicam às integrações regionais, o que Gilpin considera um desafio à economia liberal. O capítulo 8 é uma reflexão sobre a estratégia econômica estadunidense. Finalmente, o capítulo 10 é dedicado aos críticos da globalização.

Assim, o livro levanta algumas preocupações a respeito do sistema econômico global, cujas fragilidade e incerteza estariam diretamente relacionadas com a capacidade dos Estados poderosos de gerir o sistema, o que exigiria, conforme Gilpin, uma certa coordenação. Esse dilema aponta alguns perigos atuais que podem minar a conformação de uma economia global aberta. Em primeiro lugar, o regionalismo econômico: “O movimento em direção ao regionalismo econômico que se acelerou na década de 1980 ameaça a sobrevivência de uma economia global aberta e integrada” (p. 261). As políticas de integração regional agiriam no sentido de provocar uma espécie de dilema da segurança, “no qual uma regionalização vai gerando outra” (p. 454). Uma tendência nesse sentido pode gerar a ameaça do protecionismo regional.

Gilpin não poupa críticas ao Governo Clinton em relação à formação do acordo de Livre Comércio de América do Norte (Nafta) e às iniciativas para um acordo de Livre Comércio para as Américas (Alca). Segundo Gilpin, originariamente nos governos de Ronald Reagan e George Bush, o Nafta era encarado como um elemento de barganha para estimular ou pressionar a Europa Ocidental na Rodada Uruguai do Gatt a liberalizar o comércio. Essa estratégia foi eficaz, mas o governo Clinton aplicou uma política de “regionalismo norte-americano como um fim em si mesmo e não como plataforma para um sistema comercial multilateral” (p. 332). Deste modo, existe, para Gilpin, o sério risco de que os Estados Unidos e outros países retomem as práticas protecionistas. Por essa razão, segundo ele, deveriam ser reformulados os mecanismos de gestão internacional dos regimes econômicos internacionais, os quais, segundo os pressupostos da TEH, devem estar assentados em “bases políticas fortes” e sólidas, “como acontecia na Guerra Fria”.

O ponto-chave, segundo os pressupostos do autor, seria a possibilidade de os Estados Unidos terem capacidade e disposição de continuar liderando o mundo nas décadas vindouras. Gilpin afirma – e aqui é importante ressaltar que o livro foi escrito e publicado antes dos atentados do 11 de Setembro de 2001 – que os Estados Unidos não têm promovido efetivos esforços nesse sentido, já que liderança significa que “o poder seja exercido em nome de algum projeto político mais amplo do que simplesmente os interesses estreitos de um determinado país”. (p. 464).

Os argumentos de Gilpin são os mesmos daqueles expressos nos anos 80, em consonância com Kindleberger, porém ele deixa clara sua opinião de que, no novo século, os Estados Unidos não poderiam liderar sozinhos o sistema internacional. Nesse jogo estratégico econômico pós-Guerra Fria, ganham força a União Européia e o Japão. Por conseguinte, a TEH renovada de Gilpin apela à cooperação entre as principais potências econômicas como um importante ponto de partida para a estabilização da economia global.